

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Stephane Bragança Amorim

**MANIPULAÇÃO ONLINE E SOBERANIA NACIONAL: NOTAS SOBRE AS NOVAS
DINÂMICAS POLÍTICO-ELEITORAIS**

BELO HORIZONTE

2020

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**MANIPULAÇÃO ONLINE E SOBERANIA NACIONAL: NOTAS SOBRE AS NOVAS
DINÂMICAS POLÍTICO-ELEITORAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
na Faculdade de Direito da Universidade
Federal de Minas Gerais como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Ciências do
Estado, orientado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto
Cardoso.

BELO HORIZONTE

2020

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

STEPHANE BRAGANÇA AMORIM

**MANIPULAÇÃO ONLINE E SOBERANIA NACIONAL: NOTAS SOBRE AS NOVAS
DINÂMICAS POLÍTICO-ELEITORAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
na Faculdade de Direito da Universidade
Federal de Minas Gerais como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Ciências do
Estado, orientado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto
Cardoso.

Aprovado em ____ de novembro de 2020.

Banca examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso

Prof. Dr. José Luiz Borges Horta

Prof. Dr. xxx

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, pela minha existência terrena, por todo o amor e carinho que me trouxeram até aqui e, principalmente, pelo eterno apoio na minha busca por felicidade e realização.

Ao Estado brasileiro, que há mais de 10 anos é o responsável pela educação gratuita e de qualidade, que hoje me permite defender este trabalho no solo de uma Universidade Pública.

A todos os meus amigos que me acompanharam de alguma forma ao longo desta, ainda pequena, jornada acadêmica. Um agradecimento especial para Mayara Almeida, Gabriel Afonso e ao amigo e Professor Hugo Resende por serem constante fonte de inspiração e interlocutores.

Por fim, mas não menos importante, aos meus orientadores, Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso e Prof. Dr. José Luiz Borges Horta, cujas mentes brilhantes, com maestria, iluminaram meu caminho.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a problemática da manipulação online como risco para a soberania nacional. A partir do estudo da lógica de como os nossos dados são coletados, apresentamos algumas informações e técnicas responsáveis por nos influenciar e induzir a um comportamento desejado. Apontando a constante exploração dos nossos estados emocionais como fontes geradoras de engajamento, lucro e como acesso para o que existe de mais subjetivo em nós, podendo alterar nossos gostos, desejos e visões de mundo. Concomitante ao processo de desenvolvimento tecnológico que permitiu o surgimento de uma sociedade da Informação, caminhamos a passos largos em direção ao populismo, ao relativismo e a negação da verdade. Ficou demonstrado que as mídias sociais tem o poder de radicalizar discussões e conflitos, podendo se tornar um real vetor de violência (EMPOLI, 2019), constituindo-se como um ambiente muito propício para a distribuição em massa e direcionada de *fake news* e de desinformação. Ao descortinar as relações que ligam nossa navegação na internet ao cenário macro de manipulação global, reconhecemos elementos e fatos que demonstram a existência permanente de um estado de Guerra informacional e da presença de tropas cibernéticas em pelo menos 70 países, responsáveis por manipular a opinião pública dentro dos seus territórios e, às vezes, em países estrangeiros. As situações apresentadas revelam influência externa nos processos democráticos de vários países, sendo responsáveis por manipular resultados eleitorais e também fomentando insurgências populares contra governos. Por fim, apontamos algumas propostas que devem ser consideradas como medidas para garantir que os Estados assegurem suas respectivas soberanias e para a defesa do regime democrático. Algumas medidas destacadas são: a criação de legislação de proteção de dados, educação para a cidadania digital, o aprimoramento dos setores estatais de inteligência nos temas de *big data* e, por fim, a criação da rede própria de Internet.

ABSTRACT

This paper presents the problem of online manipulation as a risk to national sovereignty. From the study of the logic of how our data is collected, we present some information and techniques responsible for influencing us and inducing a desired behavior. Pointing out the constant exploration of our emotional states as sources that generate engagement, profit and as access to what is most subjective in us, which can change our tastes, desires and worldviews. Concomitant with the technological development process that allowed the emergence of an Information Society, we are striding towards populism, relativism and the denial of the truth. It has been demonstrated that social media has the power to radicalize discussions and conflicts, and can become a real vector of violence (EMPOLI, 2019), constituting itself as a very conducive environment for the mass and targeted distribution of fake news and disinformation. By unraveling the relationships that link our internet browsing to the macro scenario of global manipulation, we recognize elements and facts that demonstrate the permanent existence of a state of informational war and the presence of cyber troops in at least 70 countries, responsible for manipulating public opinion within their territories and sometimes in foreign countries. The situations presented reveal external influence on the democratic processes of several countries, being responsible for manipulating electoral results and also fomenting popular insurgencies against governments. Finally, we point out some proposals that should be considered as measures to ensure that States ensure their respective sovereignties and to defend the democratic regime. Some of the highlighted measures are: the creation of data protection legislation, education for digital citizenship, the improvement of state intelligence sectors in the areas of big data and, finally, the creation of the Internet network itself.

SUMÁRIO

1. Introdução	
2. Coleta de dados e manipulação	
2.1 Fake news	
3. A fragilidade da democracia e o acesso à informação	
4. A ameaça da soberania nacional pela manipulação eleitoral	
5. Algumas alternativas	
6. Considerações finais	
7. Referências	

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história presenciamos a evolução da mídia concomitante ao desenvolvimento tecnológico. Desde a mídia impressa, passando pelo rádio e a televisão, até a mídia digital. É de conhecimento geral a relevância que as formas de disseminação de informações teve em momentos históricos importantes, como a transmissão do lançamento da Apollo 11 e de eventos esportivos como a Copa do Mundo, bem como para a propagação de ideias, como foi utilizado o rádio durante o regime nazista e do programa *A Voz do Brasil* durante o Regime Militar brasileiro para destacar o "milagre econômico"¹.

Os estudos sobre a propaganda tiveram um salto significativo a partir da obra *Propaganda*, de Edward Bernays, citado por Andrew Korybko (2018), que demonstra já em 1928 conhecimentos que seriam extremamente importantes para a construção do nosso modo de "entrar na mente" das pessoas.

O estudo sistemático da psicologia das massas revelou aos alunos as potencialidades do controle invisível da sociedade por manipulação dos motivos que mobilizam o homem em grupo (...) (o qual) tem características mentais diferentes das do indivíduo e é motivado por impulsos e emoções que não podem ser explicados com base no que conhecemos acerca da psicologia individual. Logo, levantou-se naturalmente o questionamento: Se entendêssemos o mecanismo e os motivos da mente grupal, não seria possível controlar e reger as massas de acordo com nossa própria vontade sem que elas percebessem? (BERNAYS, 1995)

A internet foi criada com objetivos militares pelos EUA durante a Guerra Fria e ao longo dos últimos 50 anos se expandiu de forma exponencial. A tabela abaixo apresenta o número de usuários da internet no final do ano de 2019, de acordo com o relatório, 58% da população ao redor do mundo teria acesso à internet. Este número representa um alcance e possibilidade de troca de informações nunca visto antes na humanidade.

¹ Memórias da Ditadura. **Voz do Brasil**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/programas/voz-do-brasil/>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

WORLD INTERNET USAGE AND POPULATION STATISTICS 2019 Year-End Estimates						
World Regions	Population (2020 Est.)	Population % of World	Internet Users 31 Dec 2019	Penetration Rate (% Pop.)	Growth 2000-2020	Internet World %
<u>Africa</u>	1,340,598,447	17.2 %	526,374,930	39.3 %	11,559 %	11.5 %
<u>Asia</u>	4,294,516,659	55.1 %	2,300,469,859	53.6 %	1,913 %	50.3 %
<u>Europe</u>	834,995,197	10.7 %	727,814,272	87.2 %	592 %	15.9 %
<u>Latin America / Caribbean</u>	658,345,826	8.5 %	453,702,292	68.9 %	2,411 %	10.0 %
<u>Middle East</u>	260,991,690	3.9 %	180,498,292	69.2 %	5,395 %	3.9 %
<u>North America</u>	368,869,647	4.7 %	348,908,868	94.6 %	222 %	7.6 %
<u>Oceania / Australia</u>	42,690,838	0.5 %	28,775,373	67.4 %	277 %	0.6 %
WORLD TOTAL	7,796,615,710	100.0 %	4,574,150,134	58.7 %	1,167 %	100.0 %

NOTES: (1) Internet Usage and World Population Statistics estimates are for Dec 31, 2019, as of March 3, 2020. (2) CLICK on each world region name for detailed regional usage information. (3) Demographic (Population) numbers are based on data from the [United Nations Population Division](#). (4) Internet usage information comes from data published by [Nielsen Online](#), by the [International Telecommunications Union](#), by [GfK](#), by local ICT Regulators and other reliable sources. (5) For definitions, navigation help and disclaimers, please refer to the [Website Surfing Guide](#). (6) The information from this website may be cited, giving the due credit and placing a link back to www.internetworldstats.com. Copyright © 2020, Miniwatts Marketing Group. All rights reserved worldwide.

A dinâmica da vida online alterou a forma das pessoas interagirem entre si, com o mundo e com si mesmas. Como consequência dessa vida online interconectada (com computadores, *smartwatches*, *smartTV's*, *smartphones*, robôs domésticos, assistentes pessoais, e todos esses aparatos que são conceituados pelo termo "internet das coisas"), geramos uma quantidade colossal de dados que hoje podem ser processados devido ao avanço tecnológico e ao *big data*.

Fato é que os dados que são coletados se referem ao que existe de mais íntimo em nós mesmos. O conteúdo que consumimos online dizem respeito aos nossos desejos de consumo, aos nossos laços sociais, às nossas aflições e prazeres. Através da análise estruturada desses dados, é possível conhecer uma pessoa melhor do que ela mesma (YOUYOU, *et al*, 2015). E a carência de políticas eficientes de proteção de dados permite que essas informações estejam à mercê das grandes corporações que formam um oligopólio tecnológico no ocidente, que coletam e usam esses dados, muitas vezes sem consentimento e sem conhecimento do usuário (BOND, *et al*, 2012).

O desenvolvimento dos estudos da psicologia cognitiva e das ciências da computação foram centrais para a criação de mecanismos que possibilitam compreender a forma como assimilamos as informações, e, conseqüentemente, quais fatores externos podem nos

² INTERNET USAGE STATISTICS. The Internet Big Picture : World Internet Users and 2020 Population Stats. Disponível em <<https://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

influenciar e dar um "empurrãozinho" para tomadas de decisão (BERKOVSKY, *et al*, 2012) que, longe de serem espontâneas e naturais, estão inseridas em um contexto de lucro para megacorporações internacionais. Foi descoberto um fenômeno de influência indetectável chamado Search Engine Manipulation Effect (SEME), na tradução literal: Efeito de Manipulação do Mecanismo de Pesquisa, se trata da mudança das preferências de uma pessoa baseadas na manipulação pelos fornecedores das ferramentas de pesquisa, tendo capacidade de mudar até o voto de alguém pela sutil alteração da ordem dos resultados de uma pesquisa (EPSTEN, *et al*, 2017, p.1).

Atualmente, as cinco maiores empresas do mundo³ são do ramo de tecnologia e estão à frente de diversas pesquisas e empreendimentos no que se refere à coleta, análise e uso de dados. Em um contexto efervescente de avanços tecnológicos, e de expansão do acesso à informação - uma pesquisa da EMC mostrou que o universo digital dobra a cada dois anos, não somente em quantidade de pessoas, mas também em quantidade de dados, de aparelhos conectados à internet, etc (2014) - a problemática que envolve o que é feito com nossos dados se torna um tema central de muitas discussões.

O novo cenário causou mudanças profundas na sociedade moderna (ou, como alguns defendem, pós-moderna) e nos revelou uma nova relação com a linguagem, com a comunicação e com a verdade. Sobre a chamada *Sociedade de Informação*,

Num artigo profético de 2005, o falecido David Foster Wallace escreveu que a proliferação de veículos de comunicação - impressos, na TV e on-line - havia criado "um caleidoscópio de opções informativas". Wallace observou que uma das ironias dessa estranha paisagem midiática, que deu origem a uma proliferação de veículos de comunicação com viés ideológico (incluindo vários de direita, como a Fox News e o Rush Limbaugh Show), foi que ela criou "precisamente o tipo de relativismo que os conservadores culturais condenam, uma espécie de caos epistemológico em que 'a verdade' é totalmente uma questão de perspectiva e agenda política". (KAKUTANI, 2018, p. 51)

O movimento relativista possibilitou a desconstrução de várias narrativas, ao defender que tudo se tratava de uma questão de perspectiva, sem verdades absolutas, somente pontos de vista e opiniões. A partir disso, insurgiu um cenário de negação de fatos científicos e históricos. Na obra *A morte da Verdade*, Michiko Kakutani explica que

Há muitas linhas diferentes de Pós-modernismo, assim como muitas interpretações diferentes. No entanto, de modo geral, os argumentos Pós-modernistas negam a

³ A saber: Amazon, Google, Apple, Microsoft e Samsung. **Amazon lidera ranking de marcas mais valiosas de 2020; Google passa a Apple**. Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/23/amazon-lidera-ranking-de-marcas-mais-valiosas-de-2020-google-passa-a-apple.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 18 de abril de 2020.

existência de uma realidade objetiva independente da percepção humana, argumentando que o conhecimento é filtrado pelos prismas de classe, raça, gênero e outras variáveis. Ao rejeitar a possibilidade de uma realidade objetiva e substituir as noções de perspectiva e posicionamento pela ideia de verdade, o Pós-modernismo consagrou o princípio da subjetividade. A linguagem é vista como não confiável e instável (parte da lacuna intransponível entre o que é dito e o que se entende; e mesmo a noção de pessoas que agem como indivíduos totalmente racionais e autônomos é descartada, pois cada um de nós é moldado, conscientemente ou não, por um tempo e uma cultura específicos. Abaixo a ideia de consenso. Abaixo a visão da história como narrativa linear. Abaixo as grandes metanarrativas universais ou transcendentais. O Iluminismo, por exemplo, é descartado por muitos pós-modernistas de esquerda como uma leitura hegemônica ou eurocêntrica da história, destinada a promover noções colonialistas ou capitalistas de razão e progresso. (KAKUTANI, 2018, p. 56)

A possibilidade de acusar a realidade como relativa, permitiu a ascensão de discursos ultrapassados, regressistas e obsoletos. O desprezo pelo conhecimento científico, e pelo discurso racional faz com que "pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando especialistas pela sabedoria das multidões" (KAKUTANI, 2018, p. 12). O discurso político contemporâneo se encontra emaranhado com mentiras, e a ascensão das *fake news* demonstram isso de forma pública: o fim do compromisso com a verdade.

A premissa do relativismo, junto ao desgaste político de muitos países, acrescidos com a capacidade de propagação e alcance possibilitados pela conexão online, se mostrou um prato cheio para líderes populistas. Ocorre, então, a fusão dos interesses populistas com as novas e eficientes possibilidades de manipulação, que resultam em uma nova configuração social que, ao fim e ao cabo, gera lucro para as empresas que possuem dados e meios para alcançar um número massivo de pessoas.

O novo paradigma tecnológico trouxe novas formas de organizar as campanhas eleitorais e obter votos. A partir de acontecimentos julgados improváveis, como o Brexit e a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América, torna-se necessário discutir o impacto da coleta de dados e da propaganda direcionada no processo eleitoral para os Estados e as instituições democráticas.

Em tempo, já é de conhecimento geral que muitos desses eventos de repercussão mundial (eleições, revoluções e resultados de consultas à opinião pública) tiveram amparo nessas novas estratégias partindo principalmente das redes sociais. Atualmente "todos os estudos mostram que as redes sociais tendem a exacerbar os conflitos, ao radicalizar os tons até se tornar, em alguns casos, um real vetor de violência" (EMPOLI, 2019, p. 80).

No livro *Guerras Híbridas* (2018), Andrew Korybko apresenta exemplos de empreendimentos feitos pelos Estados Unidos da América para a desestabilização de governos de outros países. O autor explicita as táticas utilizadas para a realização das *Revoluções Coloridas*, movimentos que, em um primeiro momento, parecem ser de iniciativa popular, mas que por trás possuem um alto nível de manipulação e comando estratégico de forças externas com interesses políticos e/ou econômicos.

Ficou demonstrado que as Revoluções Coloridas devem seus fundamentos básicos às técnicas de psicologia das massas que Edward Bernays elaborou pela primeira vez em "Propaganda". Isso porque as Revoluções Coloridas tratam, antes de mais nada, e sobretudo, de disseminar certa mensagem (por exemplo, contra o governo) para um vasto público, e é aí que os ensinamentos de Bernays melhor se aplicam. Vale lembrar que essa mensagem é externa em sua origem e desenvolvida para manchar a autoridade do governo alvo. Ela mira a psiquê do indivíduo para motivá-lo a lutar, assumindo as características de uma guerra neocortical reversa. Em larga escala, e com o auxílio dos novos avanços da tecnologia da informação e dos meios de comunicação, ela se transforma em uma guerra em rede e centrada em rede. O objetivo é conseguir que um grande número de pessoas faça parte da rede social do movimento de Revolução Colorida e espalhe a ideia da mesma forma que um vírus espalha sua infecção em um sistema biológico ou tecnológico. (KORYBKO, 2018, p. 56)

A partir disso, surge uma lacuna no que tange ao papel dos Estados no combate e formas de autopreservação frente às novas táticas de manipulação em massa que podem alcançar proporções suficientemente catastróficas para a efetivação de golpes de Estado, colocando em risco a garantia a própria soberania nacional.

Também é pertinente para a compreensão de um espectro mais completo do problema que se discuta os pilares da democracia representativa liberal, da perspectiva filosófica sobre a autonomia da vontade humana e da autonomia individual. Como exposto pelo Oficial de Inteligência, Paulo Alves, em seu artigo publicado na Revista Brasileira de Inteligência:

Quanto maior a quantidade de decisões individuais influenciadas, maior a ingerência no conjunto da sociedade. Democracia e livre escolha, no entanto, são conceitos indissociáveis (ROSENFELD, 2010). Quando a liberdade de escolha sofre alguma interferência, a própria democracia é abalada. (ALVES, 2018, p. 14)

Ao se constatar as formas de manipulação que estão sendo amplamente utilizadas, como seria possível manter um sistema de governo que, em última instância, é baseado na liberdade de escolha?

Pretende-se, através de pesquisa exploratória discorrer sobre o tema e preencher de forma pontual parte da lacuna sobre o papel do Estado diante deste risco, a partir de bibliografia sobre a temática, pesquisas estatísticas e documentais. Ao fim, pretende-se apresentar algumas das iniciativas adotadas pelas Nações que estão na vanguarda tecnológica

para lidar com o problema e resultados de pesquisas que podem ser possíveis saídas para nos posicionar de forma combativa a essa ameaça.

2. SOBRE A COLETA DE DADOS E MANIPULAÇÃO

A engenharia das redes sociais é feita para manter as pessoas navegando pelo máximo de tempo possível, é a partir da presença do usuário que se torna possível monetizar a plataforma através de anúncios. Prova disso foi a queda no valor das ações do Facebook em 2017 devido às mudanças que foram responsáveis por diminuir o tempo dos usuários na plataforma em cerca de 50 milhões de horas por dia⁴. Os anúncios digitais são os principais responsáveis pelo faturamento bilionário das redes sociais⁵.

Os anúncios digitais se diferenciam drasticamente das outras formas de divulgação por permitir a seleção de um público muito específico que se deseja atingir (a partir das bolhas de interesses), sem precisar se preocupar com qualquer fator que o impeça de receber aquela mensagem - diferente da televisão e do rádio, que dependem que o consumidor-alvo esteja presente no momento em que a informação vai ao ar - a rede social permite que quando o "alvo" estiver disponível, a propaganda também estará e atingirá exatamente quem deve atingir. Além disso, também é possível modificar o conteúdo da mensagem ou do anúncio de acordo com as preferências do usuário, aumentando consideravelmente a possibilidade de venda de um produto ou ideia.

Para acompanhar o aumento do uso das redes sociais, muitas áreas do conhecimento se aperfeiçoaram para participar da nova tendência, principalmente no âmbito da publicidade e propaganda, psicologia e, especialmente, na tecnologia da informação. Todos os dados gerados pela navegação dos usuários na internet e nas redes sociais, são armazenados em grandes bancos de dados que permitem, por exemplo, segmentar o público de um anúncio de acordo com interesses, idade, localização, etc. Giuliano Da Empoli escreve que: "Em termos políticos, a chegada do Big Data poderia ser comparada à invenção do microscópio" (2019, p. 152).

Em termos práticos, o que gera valor monetário às plataformas *online* são a venda dos nossos dados, não de forma direta, mas com a possibilidade de, baseado no algoritmo próprio, identificar nichos e direcionar as propagandas. Com esse modelo de negócios, é preciso

⁴ Facebook registra lucro líquido de US\$ 15,9 bilhões em 2017, alta de 56%. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2018/01/31/facebook-registra-lucro-liquido-de-us-159-bilhoes-em-2017-alta-de-56.htm>>. Acesso em 27 de abril de 2020.

⁵ Quanto dinheiro o Facebook ganha com você (e como isso acontece). Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37898626>>. Acesso em 27 de abril de 2020.

constantemente criar mecanismos de crescimento que tragam mais pessoas para as plataformas e para mantê-las cada vez mais engajadas para consumir mais publicidade.

O uso do fator psicológico para gerar engajamento é uma chave importantíssima. Foi a público que

[...] o Facebook realizou experimentos psicológicos secretos em mais de meio milhão de usuários para "estudar como os estados emocionais são transmitidos pela plataforma". O estudo foi chamado de *Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks* (Evidência experimental do contágio emocional em larga escala através das redes sociais) e chegou a essa mesma conclusão, a saber, que "as emoções espalham-se por contágio através de uma rede". (KORYBKO, 2018, p. 44)

Cada vez mais se investe para entender a psicologia das massas, e mais que nunca, como acessar subjetiva e individualmente cada um de nós. Foi descoberto não só valor do apelo sentimental e emocional, como fatores inerentes à biologia humana - o nosso sistema mental de recompensa age através da dopamina, que é liberada nos nossos cérebros gerando sensação de bem estar; tal neurotransmissor é liberado quando recebemos atenção positiva (*likes*), usamos drogas, etc. -, e isso foi implementado com maestria dentro das redes sociais.

Somos criaturas sociais, e nosso bem-estar depende, em boa parte, da aprovação dos que estão em volta. Ao contrário dos outros animais, o homem nasce sem defesas e sem competências e continua assim por muitos anos. Desde o início, sua sobrevivência depende das relações que ele consegue estabelecer com outros. O diabólico poder da atração das redes sociais se baseia nesse elemento primordial. Cada curtida é uma carícia maternal em nosso ego. (EMPOLI, 2019, p. 75)

Em *Guerras Híbridas* (2018), Andrew Korybko desenha o processo de como uma mensagem é criada para gerar inquietação e movimentação na sociedade. Uma mensagem simples, de fácil assimilação, quase um *slogan*, que consiga ser processado sem depender de qualquer nível de intelectualidade, quase como um vírus em uma pandemia, facilmente transmissível e infeccioso. O objetivo desta mensagem - que dentro do objeto na nossa pesquisa, pode ser verdadeiro ou não - é criar uma mente de colméia, e fazer determinado grupo (ou grupos) agir como um enxame.

O conteúdo dessa mensagem deve ter um apelo emocional, que impede também o pensamento crítico e que seja de fácil fixação, como o objetivo da mensagem dentro de uma Revolução Colorida, por exemplo, é mobilizar a sociedade contra algo, a utilização dos sentimentos como a raiva, a indignação, a sensação de injustiça são usados exaustivamente (KORYBKO, 2018). "Os engenheiros do caos compreenderam, portanto, antes dos outros, que a raiva era uma fonte de energia colossal, e que era possível explorá-la para realizar

qualquer objetivo, a partir do momento em que se decifrassem os códigos e se dominasse a tecnologia" (EMPOLI, 2019, p. 85).

Além da manipulação com o objetivo de uma Revolução Colorida, como explicitado anteriormente, esse tipo de mensagem utilizando o artifício do apelo emocional relacionado a sentimentos ruins, também são adotados no próprio discurso populista contemporâneo para se comunicar com a população. Giuliano Da Empoli escreve que: "A indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero se propagam nas telas e proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates enfadonhos da velha política" (2019, p. 88). Demonstrando que uma experiência *online* se reproduz também no mundo material.

A força gerada pelos sentimentos negativos como indignação, ódio e injustiça comprovadamente produz mais engajamento não só que os debates da velha política, mas possui fatores emocionais que bloqueiam o pensamento crítico, que é racional. Kakutani (2018, p. 141) ao discorrer sobre teorias desenvolvidas para explicar esse fenômeno, escreve que: "As primeiras impressões são difíceis de serem descartadas, porque há um instinto primitivo de defender o próprio território, porque as pessoas tendem a produzir respostas emocionais em vez de intelectuais ao serem questionadas [...]". O extremismo adotado no discurso gera cada vez mais polarização e as redes sociais se tornam propagadoras e amplificadoras do extremismo e da radicalização.

Ex-funcionário do YouTube, Guillaume Chaslot explicou claramente de que maneira o algoritmo da plataforma responsável por 70% dos vídeos assistidos, foi concebido para impulsionar o público na direção dos conteúdos mais extremos, maximizado o nível de engajamento até seus limites. Assim, quem procura informações acerca do sistema solar no YouTube terá diante de si um menu bem farto de vídeos sustentando a Teoria da Terra Plana, ao passo que o usuário interessado por questões de saúde será rapidamente reorientado para as ideias dos No Vax, o movimento antivacina, e dos conspiracionistas. (EMPOLI, 2019, p. 80-81)

Um artigo intitulado *Suppressing the Search Engine Manipulation Effect (SEME)* (EPSTEIN et al., 2017) demonstra que de acordo com ordem de exibição dos resultados de pesquisa nos sites de buscas é possível manipular o comportamento do usuário. Como teste, os pesquisadores recriaram um ambiente eleitoral e obtiveram resultados com uma margem de apenas 2% de diferença do resultado real:

To populate our search rankings we collected real search results and webpages related to the 2015 election for Prime Minister of the UK because it was projected to be a close race between two candidates. After obtaining bias ratings of the webpages from independent raters, we manipulated the search engine so that the ranking bias either (a) favored one specific candidate, or (b) favored neither candidate. The number of votes for the candidates favored by the ranking bias increased by 39.0%

in our replication experiment, a figure within 2% of the original study⁶. (EPSTEIN, et al, 2017, p. 2)

É corriqueiro no discurso do senso comum a ideia de que a internet democratiza o acesso à informação e que permite que todos tenham voz e espaço para falar. Ocorre que diante do exposto, isso não só se mostra falso, como o "espaço de liberdade" é na verdade um espaço de manipulação de gostos, interesses, necessidades e até comportamentos. Somente o SEME, isoladamente já é um fator de peso:

In online contexts, primacy has been shown to bias the way users navigate websites , influence which products receive recommendations, and increase bookings for top-ranked hotels. Experiments conducted on online ranking algorithms have demonstrated their influence on users' music preferences, use of emotional language, beliefs about scientific controversy, and undecided voters' preferences.⁷ (EPSTEIN, et al, 2017, p. 3)

E prossegue:

Order effects are among the strongest and most reliable effects ever discovered in the psychological sciences. These effects favorably affect the recall and evaluation of items at the beginning of a list (primacy) and at the end of a list (recency). Primacy effects have been shown to influence decision-making in many contexts, such as medical treatment preferences, jury decisions, and increasing voting for the first candidate on a ballot⁸. (EPSTEIN, et al, 2017, p. 3)

A referida pesquisa também mostra o desconhecimento dos usuários desse efeito a partir dos dados de acesso e permanência nos primeiros resultados exibidos em uma busca e de como influencia nosso comportamento *online* - e *offline* também, especialmente dentro do recorte eleitoral.

Primacy effects have a particularly strong influence during online search. Highly ranked search results attract longer gaze durations and receive the majority of clicks, even when superior results are present in lower ranked positions. An ongoing study on international click-through-rates found that in February 2017, 62.3% of clicks were made on the first three results alone, and 88.6% of clicks were made on the

⁶ Tradução livre: "Para preencher nossos rankings de busca, coletamos resultados de pesquisa reais e páginas da web relacionadas à eleição de 2015 para Primeiro Ministro do Reino Unido, porque foi projetada uma disputa acirrada entre dois candidatos. Após obter classificações de viés das páginas da web de avaliadores independentes, manipulamos o mecanismo de pesquisa para que o viés de classificação (a) favorecesse um candidato específico ou (b) não favorecesse nenhum candidato. O número de votos para os candidatos favorecidos pelo viés de classificação aumentou 39,0% em nosso experimento de replicação, um número a 2% do estudo original."

⁷ Tradução livre: "Em contextos on-line, a primazia demonstrou influenciar a maneira como os usuários navegam nos sites, influenciando quais produtos recebem recomendações e aumenta as reservas para os hotéis com melhor classificação. Experiências realizadas em algoritmos de classificação on-line demonstraram sua influência nas preferências musicais dos usuários, uso de linguagem emocional, crenças sobre controvérsia científica e preferências dos eleitores indecisos."

⁸ Tradução livre: "Os efeitos da ordem estão entre os efeitos mais fortes e confiáveis já descobertos nas ciências psicológicas. Esses efeitos afetam favoravelmente a lembrar e avaliar itens no início de uma lista (primazia) e no final de uma lista (recente). Foi demonstrado que os efeitos de primazia influenciam a tomada de decisão em muitos contextos, como preferências de tratamento médico, decisões de júri e aumento da votação do primeiro candidato nas urnas."

first Search Engine Result Page (SERP). Leveraging these behavioral primacy effects, the original SEME experiments demonstrated that biasing search rankings to favor a particular candidate can (1) increase voting for that candidate by 20% or more, (2) create shifts as high as 80% in some demographic groups, and (3) be masked so that no users show awareness of the bias⁹. (EPSTEIN, et al, 2017, p. 3)

O cenário de manipulação em massa de forma tão "discreta" - no sentido de que uma parcela muito pequena das pessoas tem consciência dos dados que produzem, das possíveis utilizações e de formas para garantir minimamente a privacidade e ter controle sobre seus dados - suscita diversas discussões em várias áreas de conhecimento e carece de soluções definitivas, uma vez que criamos uma dependência do mundo *online* em vários âmbitos das nossas vidas (socialmente, pessoalmente, profissionalmente) e nossa presença na rede está condicionada a aceitarmos todos os termos e permissões para uso.

2.1 FAKE NEWS

O termo *fake news* já foi batizado no senso comum e por diversas vezes vemos o uso equivocado para se referir a qualquer notícia falsa (*false news*) ou com objetivo de "atacar" a imagem de alguém. Para que não existam dúvidas, por questões metodológicas, adotamos a conceituação de que por *fake news* entendemos "um documento deliberadamente falso, publicado *online*, com o objetivo de manipular os consumidores" (MENESES, 2018, p. 47). Sobre considerar um material deliberadamente falso, cabe constar que

‘Deliberadamente falso’ significa que, pelo menos parcialmente, quem o elabora sabe que é mentira. E só o elabora porque é mentira. Só existe porque é falso. Pode e não ser totalmente falso, uma vez que uma das técnicas usadas para credibilizar as *fake news*, e assim atingir mais consumidores, é misturar elementos reais (nomes, locais, factos anteriores, fotos, etc.) com mentiras. Rumores e boatos sempre existiram, mas raramente eram dignificados pelo jornalismo. Rumores e boatos aparecem hoje, lado a lado com as verdadeiras notícias, nos nossos feeds das redes sociais. (MENESES, 2018, p. 47)

O fenômeno das *fake news* principalmente vinculados aos períodos de campanha eleitoral, se tornou mundial. Carregando grande parte do "mérito" da divulgação de *fake news*, temos uma figura que há alguns anos atrás poderia ser impensável: os *bots*. São

⁹ Tradução livre: "Os efeitos da primazia têm uma influência particularmente forte durante a pesquisa on-line. Resultados de pesquisa que estão no topo atraem durações de olhar mais longas e recebem a maioria dos cliques, mesmo quando resultados superiores estão presentes em posições mais baixas. Um estudo em andamento sobre taxas internacionais de cliques constatou que, em fevereiro de 2017, 62,3% dos cliques foram feitos apenas nos três primeiros resultados e 88,6% dos cliques foram feitos na primeira página de resultados do mecanismo de pesquisa (SERP). Alavancando esses efeitos de primazia comportamental, as experiências originais da SEME demonstraram que influenciar as classificações de pesquisa para favorecer um candidato em particular pode (1) aumentar o voto nesse candidato em 20% ou mais, (2) criar turnos de até 80% em alguns grupos demográficos, e (3) ser mascarado para que nenhum usuário demonstre conhecimento do viés."

utilizados para criar polêmica em cima de um tema, dar visibilidade para algo por meio do compartilhamento, ou até colocar uma *hashtag* ou tema nos assuntos mais falados no Twitter e outras redes sociais (*topic trends*).

Bots são sistemas autônomos criados para replicar ações básicas, como seguir pessoas, postar e direcionar mensagens, inserir links ou hashtags. Eles muitas vezes servem para multiplicar as informações distribuídas na rede, passando-se por contas de pessoas reais. Não raramente, tomando contato com a onda de informações disparadas por robôs, muitos usuários reais acabam contribuindo para aumentar a divulgação e conferir maior credibilidade para o conteúdo falso. (ITAGIBA, p. 3)

Um relatório de notícias digitais produzido em 2019 pela Reuters Institute com a Universidade de Oxford em extensa pesquisa feita com mais de 75 mil pessoas em 38 países chegou em algumas constatações que julgamos importantes: 1) No Brasil, 85% das pessoas dizem estar preocupadas com o que é real ou falso na internet, no Reino Unido, 70% e nos Estados Unidos da América, 67%, enquanto na Alemanha é de 38% e na Holanda 31%; 2) A comunicação social sobre notícias está se tornando cada vez mais privada. O *Whatsapp* se tornou o meio principal para discutir e compartilhar notícias em países como o Brasil (53%), Malásia (50%) e na África do Sul (49%); 3) Em muitos países, as pessoas estão passando menos tempo no *Facebook* e mais tempo no *Whatsapp* e *Instagram* comparativamente ao último ano. Alguns usuários estão abandonando o *Facebook* completamente, e é de longe a rede social mais importante para notícias (NEWMAN, et al., 2019, p. 10).

Sobre a tendência de divulgação de notícias de forma privada, o relatório ainda constata que:

People in these countries are also far more likely than in the West to be part of large WhatsApp groups with people they don't know – a trend that reflects how messaging applications can be used to easily share information at scale, potentially encouraging the spread of misinformation. Public and private Facebook Groups discussing news and politics have become popular in Turkey (29%) and Brazil (22%) [...] ¹⁰ (NEWMAN, et al., 2019, p. 10)

Essas informações demonstram como a luta contra a disseminação desse tipo de informação se torna cada vez mais complexa, já que a discussão é retirada do espaço público/compartilhado (e perde a possibilidade de ser publicamente contestada), além disso, sendo enviada diretamente a alguém, a notícia falsa ganha credibilidade por ter vindo de uma pessoa ou grupo "próximo", atacando mais uma vez com o fator subjetivo e psicológico da

¹⁰ Tradução nossa: "As pessoas nesses países também têm muito mais probabilidade do que no Ocidente de fazer parte de grandes grupos do WhatsApp com pessoas que não conhecem - uma tendência que reflete como os aplicativos de mensagens podem ser usados para compartilhar facilmente informações em grande escala, potencialmente incentivando a disseminação de desinformação. Grupos públicos e privados do Facebook que discutem notícias e política se tornaram populares na Turquia (29%) e no Brasil (22%) [...]"

confiança. Afinal, quantos de nós temos por hábito checar a veracidade de uma informação recebida de alguém que confiamos? E assim, em grupos e conversas *online* são disseminadas mentiras e distorções criadas com o objetivo de manipular e enganar os receptores das informações.

Uma organização de *fact-checking* construiu uma página *web* com todas as declarações dadas pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro desde o primeiro dia de governo, e as avalia dentro dos seguintes parâmetros: verdadeiro, impreciso, exagerado, distorcido, contraditório, insustentável e falso. No presente momento, se constata que ao 636º dia de governo, o Presidente deu 1.721 declarações falsas ou distorcidas¹¹. O gráfico abaixo mostra a evolução quantitativa destas declarações ao longo do tempo:



Fonte: AOS FATOS. Em 636 dias como presidente, Bolsonaro deu 1721 declarações falsas ou distorcidas.

Uma reportagem do *The Washington Post* com o mesmo propósito, analisando o discurso de Donald Trump, calculou que ele fez 2.140 alegações falsas ou enganosas em seu primeiro ano de governo (*apud* KAKUTANI, 2018, p. 12). É assombroso que o discurso político visivelmente recheado de mentiras e imprecisões não afete a credibilidade da pessoa pública perante seus apoiadores. "Na prática, para os adeptos dos populistas, a verdade dos fatos, tomados um a um, não conta. O que é verdadeiro é a mensagem no seu conjunto, que corresponde a seus sentimentos e suas sensações" (EMPOLI, 2019, p. 24).

Como pontualmente explicitado no início deste trabalho, esse tipo de narrativa só pôde ser construída devido ao amparo dos movimentos relativista e desconstrucionista das últimas décadas, que na intenção de propor uma nova narrativa que incluísse atores excluídos da

¹¹ De acordo com a última checagem dos dados feita no dia 29 de abril de 2020. AOS FATOS. **Em 484 dias como presidente, Bolsonaro deu 953 declarações falsas ou distorcidas.** Disponível em: <<https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>>. Acesso em 30 de abril de 2020.

"história oficial"¹² criou um precedente com potencial destrutivo que foi apoderado pelos populistas ao redor do mundo. Ponto a se ressaltar é que,

O desconstrucionismo é, na verdade, profundamente niilista, o que invalida os esforços de jornalistas e historiadores de averiguar as melhores verdades disponíveis por meio da apuração cuidadosa e da ponderação das evidências. Ele sugere que a razão é um valor ultrapassado, que a linguagem não é uma ferramenta de comunicação, mas uma interface instável e enganosa que está constantemente subvertendo a si mesma. Os defensores da desconstrução acreditam que a intenção de um autor não confere significado a um texto (acreditam que isso cabe ao leitor / espectador / destinatário), e muitos pós-modernistas chegam a sugerir que o conceito de responsabilidade individual é superestimado, como diz o acadêmico Christopher Butler, sugerindo a existência de uma "crença muito romanceada e burguesa na importância da ação humana individual em vez de uma atribuição às estruturas econômicas subjacentes". (KAKUTANI, 2018, p. 200)

3. A FRAGILIDADE DA DEMOCRACIA E O ACESSO À INFORMAÇÃO

Um dos pilares do Estado Liberal, desde as grandes revoluções burguesas, é a assimilação da capacidade humana individual de decisão, de autonomia do pensamento e da vontade. A premissa parte da construção filosófica do ser humano como ser racional e dotado de autonomia. Vários autores, desde Aristóteles se debruçaram sobre a questão, que se alcançou seu auge na filosofia kantiana e carimbou-se na realidade factual como compreensão de que a racionalidade é inerente ao humano, premissa esta que se tornou pilar do Estado de Direito e basilar o regime democrático.

A partir do pensamento de Kant podemos afirmar que tudo que há na natureza se conforma com suas leis, exceto o homem. Isso porque o homem, na condição de ser racional, conforma-se às leis universais que ele próprio formula. Por isso os seres racionais são autônomos e têm uma dignidade particular, se destacam da natureza por serem livres e autodeterminantes. (ZATTI, 2007, p. 24-25)

O que não se imaginava no momento de formulação dessas teorias acerca da natureza humana, era da ausência de uma razão universal inerente a nenhum de nós. Somos frutos do nosso meio, da nossa cultura e de condicionamentos. Frutos de informações. O regime democrático e a consideração pela nossa vontade dita autônoma não considera que essa vontade pode ser - e está sendo condicionada - de acordo com a vontade dos que podem criar informações.

¹² Por exemplo, o filósofo argentino Enrique Dussel propõe em sua obra *Política de la Liberación: historia mundial y crítica* romper com o helenocentrismo, o ocidentalismo, o eurocentrismo, a periodização do tempo segundo o critério europeu, o secularismo tradicional, e inserir o colonialismo teórico, mental das filosofias políticas dos países periféricos, bem como incluir a América Latina na Modernidade desde as suas origens (DUSSEL, 2007, p. 11-13).

O relatório *The Global Disinformation Disorder: 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation* apresenta informações sobre os países que possuem *Cyber Troops* (Tropas cibernéticas) que "são definidas como atores governamentais ou políticos responsáveis por manipular a opinião pública online"¹³ (BRADSHAW; HOWARD, 2019, p. 1). A pesquisa aponta que em 2019 houve um aumento de 150% dessas tropas em relação ao ano anterior. Em 2018 foram identificados 48 países com atividades desse tipo e em 2019, 70 nações¹⁴ ao redor do globo. O mapa abaixo permite uma visualização geográfica desses países.



Entre as plataformas mais proeminentes estão o Facebook, Twitter, Whatsapp, YouTube e Instagram, em ordem de maior para o menor uso. Dentre os resultados fica

¹³ Tradução nossa de: "Cyber troops' are defined as government or political party actors tasked with manipulating public opinion online." (BRADSHAW; HOWARD, 2019, p. 1). As tropas cibernéticas usam uma variedade de estratégias de comunicação ao entrar em contato com usuários online. A pesquisa conceitua nos seguintes tipos: (1) espalhando propaganda pró-governo ou pró-partido; (2) atacar a oposição ou montar campanhas de difamação; (3) distração ou desvio de conversas ou críticas para longe de questões importantes; (4) divisão de condução e polarização; e (5) suprimir a participação por meio de ataques pessoais ou assédio. (Idem, p. 13)

¹⁴ A saber: Angola, Argentina, Armênia, Austrália, Áustria, Azerbaijão, Barein, Bósnia e Herzegovina, Brasil, Camboja, China, Colômbia, Croácia, Cuba, República Tcheca, Equador, Egito, Eritreia, Etiópia, Geórgia, Alemanha, Grécia, Honduras, Guatemala, Hungria, Índia, Indonésia, Irã, Israel, Itália, Cazaquistão, Quênia, Quirguistão, Macedônia, Malásia, Malta, México, Moldávia, Mianmar, Holanda, Nigéria, Coreia do Norte, Paquistão, Filipinas, Polônia, Qatar, Rússia, Ruanda, Arábia Saudita, Sérvia, África do Sul, Coreia do Sul, Espanha, Sri Lanka, Suécia, Síria, Taiwan, Tajiquistão, Tailândia, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Emirados Árabes Unidos, Reino Unido, Estados Unidos, Uzbequistão, Venezuela, Vietnã e Zimbábue.

destacado que o Facebook continua sendo a plataforma dominante para as atividades das tropas cibernéticas. Contudo, a partir de 2018 se constatou maior atividade em plataformas de imagens e vídeos, como o Instagram e o YouTube, bem como do uso do Whatsapp, os pesquisadores acreditam que o uso dessas outras plataformas irão crescer à medida que mais pessoas usarem as redes sociais para comunicação política (Idem, p. 2).

Foi demonstrado também a influência de uma nação na manipulação da opinião pública em outros países. A China, que até recentemente não se encontrava no radar desses países, em 2019 começou a utilizar as plataformas de mídia social para pintar que os defensores da democracia de Hong Kong eram radicais violentos e sem apelo popular (Idem, p. 2). Além disso, notou-se que o país está se voltando às tecnologias de redes sociais globais como uma ferramenta de poder e influência geopolítica.

In many authoritarian regimes, computational propaganda has become a tool of information control that is strategically used in combination with surveillance, censorship, and threats of violence. We have catalogued the kinds of campaigns authoritarian countries have used against journalists, political dissidents, and the broader society, and found three distinct ways in which computational propaganda is used: (1) to suppress fundamental human rights; (2) to discredit political opposition; and (3) to drown out political dissent. The co-option of social media technologies provides authoritarian regimes with a powerful tool to shape public discussions and spread propaganda online, while simultaneously surveilling, censoring, and restricting digital public spaces.¹⁵ (BRADSHAW; HOWARD, 2019, p. 2)

Ao observar os tipos de campanhas empregadas por países considerados autoritários, percebemos atividade semelhante em países ditos democráticos. No caso brasileiro e estadunidense, por exemplo, o ataque à imprensa e à oposição é ostensivo e público. Em relação ao processo eleitoral:

We also counted instances of parties using advertising to target voters with manipulated media, such as in India (Gleicher 2019), or instances of illegal micro-targeting such as the use of the firm Cambridge Analytica in the UK Brexit referendum by Vote Leave (Cadwalladr 2017). Finally, we further counted instances of political parties purposively spreading or amplifying disinformation on social networks, such as the WhatsApp campaigns in Brazil (Rio 2018), India (Dwoskin

¹⁵ Tradução nossa: "Em muitos regimes autoritários, a propaganda computacional se tornou uma ferramenta de controle de informações estrategicamente usada em combinação com vigilância, censura e ameaças de violência. Catalogamos os tipos de campanha que países autoritários têm usado contra jornalistas, dissidentes políticos e a sociedade em geral, e encontramos três maneiras distintas de usar propaganda computacional: (1) para suprimir direitos humanos fundamentais; (2) desacreditar a oposição política; e (3) para abafar a dissidência política. A cooptação de tecnologias de mídia social fornece aos regimes autoritários uma ferramenta poderosa para moldar discussões públicas e espalhar propaganda online, enquanto simultaneamente vigia, censura e restringe os espaços públicos digitais."

and Gowen 2018), and Nigeria (Hitchen et al. 2019).¹⁶ (BRADSHAW; HOWARD, 2019, p. 9)

Pelo exposto, é evidente a sensibilidade do regime democrático frente às novas ferramentas de comunicação e seu alcance. Questiona-se profundamente a capacidade de sustentarmos uma democracia que se movimenta no rumo de maior valorização do indivíduo, da participação direta. Se não existe autonomia, qual seria o papel do voto como exercício de cidadania particular? Como seria possível suportar um sistema democrático que tem o ponto zero na convicção de que cada ser humano é livre e dotado de autonomia individual?

Fato é que a democracia representativa, a partir do momento que concebe a delegação do poder, transfere o poder direto popular para os representantes eleitos. Diferente de uma democracia direta, as decisões tomadas pelos representantes do poder eleito, não precisam corresponder exatamente aos anseios populares - por mais que a movimentação popular crie uma pressão em torno da expectativa sobre a atitude dos representantes. Como expresso no Art. 1º, § 1, da Constituição brasileira: “Todo o poder emana do povo, que o **exerce por meio de representantes eleitos** ou diretamente, nos termos desta Constituição”¹⁷ (BRASIL, 1988), exceto os casos previstos de exercício direto do poder pela sociedade (p. ex. referendos e plebiscitos), o poder de decisão, nessas circunstâncias, é do Estado.

No caso brasileiro, nota-se a ascensão do discurso que distorce o Art. 1º, § 1 da CF/88 no sentido de tentar legitimar e empoderar as insurgências populares contra as próprias instituições constitucionais do país, a saber, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal¹⁸. Percebemos uma investida para subverter a democracia representativa aumentando o poder individual, este que, por todo exposto ao longo desta pesquisa, se mostrou extremamente manipulável. **Quanto mais poder individual houver, menor o poder de decisão do Estado, menor a construção de uma Razão de Estado em prol de soberania nacional e autodesenvolvimento.** Estamos diante de um discurso por mais democracia, por mais participação, que esconde uma realidade de manipulação em massa por atores influentes

¹⁶ Tradução nossa: "Também encontramos casos de partidos usando publicidade para atingir eleitores com mídia manipulada, como na Índia (Gleicher 2019), ou casos de micro-direcionamento ilegal, como o uso da empresa Cambridge Analytica no referendo do Brexit no Reino Unido por licença de voto (Cadwalladr 2017). Por fim, contamos ainda instâncias de partidos políticos que propositadamente espalharam ou amplificaram a desinformação nas redes sociais, como as campanhas do WhatsApp no Brasil (Rio 2018), Índia (Dwoskin e Gowen 2018) e Nigéria (Hitchen et al. 2019)".

¹⁷ Grifo nosso.

¹⁸ PRADO, Antônio Carlos. **Bolsonaro contra a República**. Revista Isto é. 28 de fevereiro de 2020. Disponível em: < <https://istoe.com.br/bolsonaro-contra-a-republica/>>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

que desconsideram os interesses nacionais e que expressamente ganham com o sucateamento do Estado brasileiro.

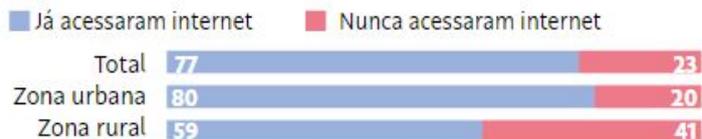
Frequentemente nos deparamos com movimentos políticos (em todos os espectros ideológicos) que adotam um discurso de aumento da participação direta da população como uma proposta para tornar mais democrático o cenário brasileiro. O argumento da democracia direta parece muito sedutor para os adeptos da crença na autonomia e liberdade individual, mais ainda quando uma parte do debate se pauta na possibilidade de fortalecimento da democracia de forma online.

Há anos o debate sobre a desigualdade social no Brasil é pauta nas discussões políticas no cenário interno e internacional. No que tange à questão do acesso à internet, dados recentes expressam que 70 milhões de brasileiros possuem acesso precário à rede online. Os números chocam: mais de 42 milhões de pessoas nunca acessaram a internet no país, como demonstrado pelos gráficos a seguir elaborados pelo jornal Folha de São Paulo:

Brasil tem cerca de 70 milhões de pessoas com acesso de internet precário ou inexistente

Apesar de avanço de conectividade, mais de 42 milhões de brasileiros nunca acessaram a internet

Em %



10,4 milhões de brasileiros da zona rural nunca usaram internet

A maior parcela da população que nunca usou internet está nas classes D e E

Em %



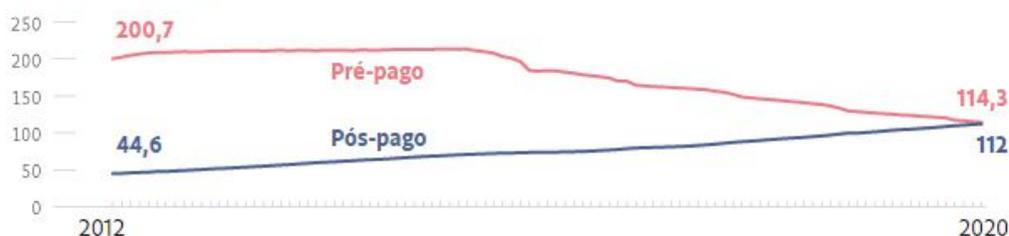
Entre as pessoas que usam internet regularmente, 56% acessam só pelo celular

Em %



E usam internet pré-paga, mesmo que a diferença tenha reduzido ao longo dos anos

Por número de acessos, em milhões



Fonte: Folha de São Paulo, 2020¹⁹.

Perante essa realidade, a discussão sobre democracia e internet no Brasil já carrega em si o fardo de não alcançar de forma igualitária toda a população, gerando limitações pela própria infraestrutura do país. O debate que será exposto a seguir, já é reconhecidamente parte de uma realidade que pertence a uma bolha que exclui 70 milhões de brasileiros, que, no momento em que se escreve este texto, representa cerca de 33% da população do país.

A defesa do espaço *online* como uma extensão espaço público de discussão é uma utopia globalista, provado pelo exposto anteriormente: no Brasil, especialmente, não existem condições materiais que permitam a participação igualitária da população na *internet*; além do

¹⁹ SOPRANA, Paula. **70 milhões de brasileiros têm acesso precário à internet na pandemia do coronavírus.** Folha de São Paulo, São Paulo, 16 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/cerca-de-70-milhoes-no-brasil-tem-acesso-precario-a-internet-na-pandemia.shtml>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

fato de não existir coincidência no que é exibido nas telas de cada um de nós, mas uma resposta exclusiva ao que os algoritmos entendem ser do nosso interesse, que aumentam nosso tempo em rede, nosso engajamento e tem potencial de mudar nosso comportamento de forma decisiva. Em algumas ocasiões, esses discursos se materializam para o plano do real. Para apresentar uma perspectiva factual, foram selecionados dois exemplos: um do atual cenário político brasileiro e outro apresentado na obra *Os Engenheiros do Caos* (EMPOLI, 2019), respectivamente, o Renova BR e Movimento 5 Estrelas (M5E).

O Renova BR surge após as manifestações por todo o Brasil no mês de junho de 2013, como uma organização de formação política - especialmente *online* - para pessoas com interesse em "renovar" a política brasileira através da sua própria participação e/ou candidatura. Na presente data, consta no *site* oficial da organização que eles possuem 17 alunos eleitos, 113 alunos formados, mais de 1.400 alunos em formação e mais de 500 doadores²⁰.

Renovar a política brasileira. Essa é a palavra de ordem. Estamos diante de uma corrente que pressupõe a mudança no atual modo de agir perante a política institucional. A ideia é implantar a cultura de uma mobilização transformadora do quadro político eleitoral no país em oposição às “velhas práticas” tidas como “tradicional” e “atrasadas”. (RAMOS, 2019, p. 10)

E mais adiante:

Ao examinar a composição dos colaboradores do Movimento, temos entre os incentivadores da criação do RenovaBR o empresário fundador do Grupo Pão de Açúcar Abílio Diniz, o ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga e o apresentador e empresário Luciano Huck. Criado em 2017, o denominado Fundo Cívico para Renovação Política é um projeto de iniciativa do executivo Eduardo Mufarej, empresário do setor financeiro, que é sócio da Tarpon Investimentos e presidente da Somos Educação, foi um dos fundadores do Partido Novo e faz parte do CLP (Centro de Liderança Pública), portanto, percebemos que é um fundo criado por empresários para financiar a formação de novos candidatos para eleições. (RAMOS, 2019, p. 13)

O Movimento 5 Estrelas, por sua vez, foi fundado em 2009 sob o discurso da democracia direta por meio da internet, afirmando ser um *não-partido* e tendo como objetivo retirar a velha política do poder, e trazer para o *povo* comum²¹.

[Sobre o Movimento 5 Estrelas] Para sua base de militantes, internet é sinônimo de participação. É o instrumento de uma revolução democrática destinada a arrancar o poder das mãos de uma casta de profissionais da política e entregá-lo ao homem comum. Mas, para a elite do próprio movimento, encarnada pela "diarquia"

²⁰ Renova BR. **Quem somos?** Disponível em: <<https://renovabr.org/quem-somos/>>. Acesso em 04 de maio de 2020.

²¹ **Criado sob discurso da democracia direta na Itália, Movimento 5 Estrelas vira refém da velha política.** El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/28/internacional/1567007102_639186.html>. Acesso em 04 de maio de 2020.

Casaleggio/Grillo, as coisas são diferentes: internet é, antes de tudo, um instrumento de controle. É o vetor de uma revolução a partir do topo, que capta uma quantidade enorme de dados a fim de utilizá-los para fins comerciais e, sobretudo, políticos." (EMPOLI, 2019, p. 54)

A narrativa de reconstrução e renovação da velha política vem sendo cada vez mais explorada e incorporada aos moldes de uma pseudo-democracia digital, valorizando especialmente iniciativas que promovam a participação direta dos seus apoiadores através da internet. Contudo, as alternativas que possibilitariam uma democracia direta, viável demograficamente, fortalecem ainda mais o cenário de manipulação existente hoje, uma vez que interrompe o processo de delegação de poder soberano para os representantes eleitos e atomiza o poder do Estado no indivíduo dito autônomo.

A internet teve o mérito de possibilitar a distribuição de informações por todo o globo terrestre de forma e proporções nunca assistidas anteriormente pela humanidade. À este salto tecnológico se atribui grande parte das contribuições científicas dos últimos anos, em diversas áreas. Definitivamente a criação e expansão da internet marcam mudanças profundas na sociedade, muitas positivas. Contudo, novas facetas dessas ferramentas estão vindo à tona e, para o olhar atento, é alarmante o potencial destrutivo para a nossa sociedade em diversos aspectos. Cada vez mais nos identificamos com obras literárias ou cinematográficas que retratam sociedades distópicas marcadas pela vigilância e manipulação, como *1984*, *Matrix* e *Admirável Mundo Novo*.

4. A AMEAÇA DA SOBERANIA NACIONAL PELA MANIPULAÇÃO ELEITORAL

No ocidente, tanto o investimento estatal em desenvolvimento tecnológico, quanto as sedes das empresas que compõem o império digital (a GAFA - Google, Amazon, Facebook e Apple) estão concentrados na potência norte-americana e em alguns outros países geopoliticamente bem posicionados. O uso político das ferramentas desenvolvidas por essas nações - através de empresas ou dos Estado - é fonte de *soft power* contra outras nações.

É nesta linha de raciocínio que temos a concepção das *Guerras Híbridas* e do potencial e amplitude desse exemplo de *soft power*. Dentre as possibilidades do universo online, está a de um governo munido de informações sobre uma população e com conhecimento das formas de acessar a subjetividade de um grupo, causar uma ruptura sistêmica em uma nação, e ainda conseguir encobrir o próprio rastro.

A imagem abaixo mostra a relação de países que fazem operações de influência da opinião pública em países estrangeiros:



Fonte: The Global Disinformation Disorder: 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation

À esse tipo de atividade de influência, que não temos conhecimento do quão persuasivas podem ser, se deve a legitimidade - ou ausência da mesma - do processo democrático. Exemplo disso é da discussão sobre a interferência russa nas eleições americanas de 2016:

Representantes do partido Democrata, da candidata derrotada Hillary Clinton, realizaram investigação nas redes sociais e alegam ter encontrado evidências de que as fake news disseminadas contra a candidata conseguiram mudar a posição de eleitores indecisos (CALABRESI, 2017). Relatório do governo americano indica que a Rússia empreendeu uma campanha multifacetada de propaganda e influência, com notório emprego de mídias sociais e atividades cibernéticas (DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE, 2017). James Clapper, ex-Diretor de Inteligência Nacional (DNI), afirma que o episódio da campanha russa constitui ameaça à própria fundação do sistema político e democrático (CALABRESI, 2017). (ALVES, 2018, p.15)

Os resultados de uma pesquisa realizada na Índia também corroboram o potencial de manipulação na maior democracia do mundo. A análise demonstrou o potencial de influência que o Google pode ter sobre os resultados eleitorais, a partir da mudança da ordem dos 30

primeiros resultados no dia das eleições em favorecimento de um candidato ou outro - o SEME Effect, que explicamos anteriormente.

Essa simples mudança na ordem de apresentação dos resultados foi capaz de influenciar mais de 20% dos indecisos em favor do candidato beneficiado pelo buscador. Para os pesquisadores, essa taxa pode ainda ser substancialmente melhorada se o experimento for realizado por semanas ou meses antes de um pleito. Os resultados implicam que, se 80% dos votantes acessam a internet, e 10% deles forem indecisos, essa manipulação poderia levar cerca de 25% desses indecisos a apoiarem determinado candidato. Isso significa um ganho de 2% do eleitorado total. Como cerca de um quarto das eleições nacionais ao redor do mundo são ganhas por uma margem inferior a 3%, essa manipulação poderia impactar – ou, talvez, já esteja impactando – resultados de votações em diversos países. (ALVES, 2018, p.14)

No mesmo ano das eleições americanas que elegeram Donald Trump, o caso emblemático da participação da empresa Cambridge Analytica na campanha *Vote Leave*, a campanha pela saída do Reino Unido da União Europeia, ainda em 2016 já revelava o poder dessas ferramentas sendo usadas não somente contra países emergentes, mas em países desenvolvidos e centrais. Um ano depois, em 2017, haviam sido identificados somente 28 países com tropas cibernéticas em atuação, em 2019 esse número alcançou 70 países (BRADSHAW; HOWARD, 2019, p. 2). Essa análise sugere que os eventos de 2016 foram a primeira grande demonstração de uma ferramenta poderosa que têm atraído novos adeptos. Importante ressaltar, a partir disso, que **o cenário que se constitui através do aumento das tropas cibernéticas como formas de controle e manipulação, significam um lucro colossal para as plataformas majoritariamente usadas nas operações das tropas: Facebook, Twitter, WhatsApp, YouTube e Instagram.**

Além da influência nos resultados eleitorais, também é destacada a atuação de nações na desestabilização de governos através da construção de insurgências populares que são orquestradas anonimamente pelas redes sociais. Essa relação foi formulada porque "acontecimentos recentes sugerem que instigar a agitação civil e fomentar uma mente de colmeia em Estados alvo são os verdadeiros objetivos por trás do envolvimento encoberto do governo dos EUA no Facebook e em outras redes sociais" (KORYBKO, 2018, p. 44).

As organizações de inteligência não são meros usuários passivos das mídias sociais, contudo, uma vez que comprovadamente empregam ativamente esse meio em operações de engenharia social. Niekerk e Maharaj documentam como as forças armadas dos EUA estavam usando o software Persona para criar dez contas de mídia social marionete por pessoa, gerando "potencial para ampliar a influência psicológica que um pequeno grupo de operadores ocultos pode exercer em um público maior". Embora o objetivo disso fosse "gerar consenso favorável aos Estados Unidos sobre questões controversas", os autores sugerem que isso também poderia ser usado para "instigar protestos e primaveras populares" (isto é, Revoluções Coloridas). (KORYBKO, 2018, p. 43-44)

Essas atividades se enquadram em um espectro das Guerras de Quarta Geração, teorizadas por William Lind (LIND, *et al*, 1989, *apud* KORYBKO, 2018, p. 16-17) que previu que nesse tipo de guerra haveria uma ênfase na guerra da informação e em operações psicológicas. O autor escreve que,

As operações psicológicas podem se tornar a arma operacional e estratégica dominante assumindo a forma de intervenção midiática/informativa (...) O principal alvo a atacar será o apoio da população do inimigo ao próprio governo e à guerra. As notícias televisionadas se tornarão uma arma operacional mais poderosa do que as divisões armadas. (LIND, *et al*, 1989, *apud* KORYBKO, 2018, p. 17)

Por essa razão, tornam-se cada vez mais necessárias ações estratégicas para combater essa possível influência e garantir a manutenção da soberania nacional e do processo democrático. No caso brasileiro essas medidas se tornam urgentes, já que o nosso potencial geopolítico faz com que sejamos naturalmente alvo de interesses internacionais que, previamente, anunciaram que não irão permitir o surgimento de um pólo alternativo de poder que possa questionar a hegemonia norte americana no Ocidente (KISSINGER, 2001).

5. ALGUMAS ALTERNATIVAS

Ao longo da pesquisa nos deparamos com algumas medidas que podem ser de grande importância para, ao menos, diminuir o impacto da interferência política por meio da manipulação online. Primeiramente, na base da pirâmide, é necessário proteger os dados pessoais dos usuários, através de legislação federal, garantindo que não sejam utilizados para fins que não os explícitos no consentimento do usuário, determinando especificidades para o processamento, armazenamento e descarte desses dados, entre outras coisas.

Uma nova tendência é da criação de uma internet própria, "desplugada" da internet global (leia norte-americana), a Rússia e a China já estão na vanguarda desse processo²². Visto pela mídia ocidental como forma de censurar o acesso à informação dos cidadãos desses países, desconsideram o fator da soberania digital proposta por esse modelo. Sobre essa ideia, Andrew Korybko (2018, p. 83-84) propõe que a nacionalização da internet deve ser feita como precaução extra, e que deve buscar "garantir que o Estado seja capaz de monitorar a Internet e identificar a origem de certas informações que entram no país". Afirma ainda que no caso da China, tal situação pode se tornar censura de fato e listas negras, e que, no caso russo, devido às tendências de busca por poder brando, também não é recomendada a adoção de tais medidas. E ainda acrescenta que,

Em vez disso, deve haver um forte esforço do Estado por incentivar a "nacionalização" das mídias sociais e da Internet por seus cidadãos. A promoção do "Runet" apoiaria a identidade civilizacional do país e, até certo ponto, diminuiria a influência direta das campanhas de informação subversivas ocidentais e norte-americanas. **O objetivo final consiste em buscar a autarquia social e da informação, sendo a confiança em meios ocidentais para esses dois estrita e voluntariamente evitada pela maioria da população.** (KORYBKCO, 2018, p. 83-84, grifo nosso)

Outra proposta é do fortalecimento das identidades nacionais, da promoção de ideais que façam com que o povo de uma nação se identifiquem como parte de "algo maior" e que cultivem por seu governo e seu Estado respeito a este ideal, ao ponto que se tornem menos suscetíveis às atividades subversivas contra eles. O autor da proposta aprofunda a tese afirmando que:

Na verdade, a forte promoção de ideais patriotas (no sentido nacional ou civilizacional) pelo Estado e por suas ONGs afiliadas pode levar à eventual criação de uma mente de colmeia em favor do governo que participaria de contraenxames contra quaisquer insurgentes anti-Establishment. É importante que essa ideologia, se

²² **Rússia assina lei e confirma: a internet própria do país está a caminho.** Disponível em : <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/05/03/russia-assina-lei-e-confirma-sua-internet-propria-e-isolada-esta-a-caminho.htm>>. Acesso em 23 de julho de 2020.

assim podemos chamá-la, seja inclusiva e reúna as mais variadas demografias sociais, étnicas, religiosas e econômicas que residem no Estado, à mesma maneira que ideias subversivas de "democracia liberal" são capazes de unir a miríade de grupos de um Estado alvo (ainda que apenas temporariamente) no objetivo comum de derrubar seu governo "antidemocrático". (KORYBKO, 2018, p. 83)

Foram identificados no relatório *2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation* (BRADSHAW; HOWARD, 2019) a fonte organizacional das tropas cibernéticas dos países em que possuem esse tipo de organização; são cinco fontes principais não excludentes entre si e cumulativas: agências governamentais, políticos e partidos políticos, contratantes privados, sociedade civil organizada e, por fim, cidadãos e influenciadores. Dos setenta países que possuem tropas cibernéticas, quarenta e cinco usam as agências governamentais para a manipulação através das mídias sociais, a partir disso, podemos deduzir que parte do conteúdo é composto por narrativas escolhidas pelos governos em prol de si mesmos e que podem buscar a construção de uma mente de colméia em favor do governo, como sugerido por Korybko (2019).

Entre os países com a maior prevalência da atividade por agências governamentais estão: China, Camboja, Barein, Irã, Israel, Coréia do Norte, Rússia, Síria, Emirados Árabes, Reino Unido, Estados Unidos da América e Venezuela (BRADSHAW; HOWARD, 2019, p. 10). Também muitos desses países compõem o grupo de alto escalão das tropas cibernéticas com alta capacidade e duração permanente, conforme tabela abaixo:

TABLE 5 - CYBER TROOP CAPACITY

HIGH CAPACITY		
Country	Status	Notes on Team Size, Training and Spending
 China	Permanent	Team size estimates of 300,000-2,000,000 people working in local and regional offices
 Egypt	Permanent	–
 Iran	Permanent	6,000 USD spent on FB advertisements
 Israel	Permanent	Team size estimates of 400 people. Evidence of Formal Training. Multiple contracts valued at 778K USD and 100M USD.
 Myanmar	Permanent	Evidence of Formal Training in Russia
 Russia	Permanent	–
 Saudi Arabia	Permanent	Estimated costs of 150 Pounds for Twitter Hashtag Trends
 Syria	Permanent	Multiple Contracts valued at 4,000 USD
 United Arab Emirates	Permanent	Multiple Expenditures valued at over 10M USD
 United States	Permanent & Temporary	–
 Venezuela	Permanent	Team size estimates of multiple brigades of 500 people. Evidence of Formal Training
 Vietnam	Permanent & Temporary	Team size estimates of 10,000 people

Fonte: 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation (BRADSHAW; HOWARD, 2019)

Uma das possibilidades é, também, o fortalecimento do setor nacional de Inteligência a partir da formação em *big data* nos setores estratégicos. A Política Nacional de Inteligência (PNI) brasileira explicita que: “O trabalho da Inteligência deve permitir que o Estado, de forma antecipada, mobilize os esforços necessários para fazer frente às adversidades futuras e para identificar oportunidades à ação governamental”, afirma também que “os prejuízos das ações no espaço cibernético não advêm apenas do comprometimento de recursos da tecnologia da informação e comunicações. Decorrem, também, da manipulação de opiniões, mediante ações de propaganda ou de desinformação” (BRASIL, 2016). A partir da evidente necessidade de atividades de inteligência que sejam capazes de trabalhar com a análise de volume massivo de dados, "o governo estadunidense percebeu, ainda em 2006, é algo que ficará cada vez mais evidente: não haverá Inteligência relevante sem ferramentas analíticas de *big data*" (ALVES, 2018, p. 6).

A área de *big data* oferece ao setor de inteligência a possibilidade de antecipar perturbações sociais e econômicas, além de outras ameaças aos interesses nacionais (ALVES, 2018, p.11), que é de suma importância, já que no outro extremo

Organizações e Estados com maior expertise na área de *big data* podem interferir decisivamente nos rumos de uma sociedade, muitas vezes em detrimento dos interesses nacionais. Para poder controlar seu destino, o país precisa ser capaz de avaliar as ameaças que o ambiente tecnológico enseja. Acompanhar e avaliar as conjunturas interna e externa, assessorando o processo decisório nacional e a ação governamental é um dos objetivos da Inteligência nacional. (ALVES, 2018, p.16)

Ressalta-se também a extrema necessidade de que o Estado fomenta pesquisas interdisciplinares que possam preencher lacunas sobre as novas dinâmicas de uma vida interconectada e que permitam a compreensão do espectro total do impacto da tecnologia no mundo contemporâneo. Somente a partir da produção desse tipo de conhecimento científico será possível o desenvolvimento de mecanismos (leis, políticas públicas, aparatos tecnológicos, aprimoramento de redes, etc.) que sejam realmente eficientes. Também é expressa a necessidade que a educação para a cidadania digital seja eficiente para ensinar a população sobre melhores hábitos de navegação online, acerca dos seus direitos como "cidadãos digitais" e sobre formas de garantir a segurança dos seus dados individuais.

A oposição a todas - ou quase todas - as propostas aqui sugeridas encontram amparo nos ideais expressos na obra de Julian Assange, *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. A máxima do movimento *cypherpunk* é "privacidade para os fracos, transparência para os poderosos", defendendo a liberdade plena dos indivíduos no mundo digital e pregando a

proteção dos usuários da invasão dos Estados e das corporações, ao passo que julga necessária total transparência da atividade dos governos e de atores com grande poder político²³. Essa chave de leitura da realidade desconsidera o fato de que a garantia soberania nacional exige a existência de segredos de Estado, por exemplo, bem como da influência do poder econômico e da vontade política existente que, mais do que nunca, lucra com esse sistema e fará de tudo para mantê-lo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o traçado na presente pesquisa, foi constatada a existência de mecanismos nas mídias sociais que impactam o comportamento individual e em massa. A partir dos estudos psicológicos e cognitivos, foi possível compreender a fonte das nossas emoções, e que o trabalho dos algoritmos das mídias sociais - especialmente das redes sociais - é exatamente usar nossas emoções como fonte de engajamento e como energia para nos manter mais tempo conectados consumindo informações e propagandas especialmente direcionadas aos nossos interesses.

O alcance de informações tão individualizadas e fora do espaço público de discussão, bem como o movimento relativista e desconstrucionista, fez surgir de uma nova relação social com a verdade, que deixou de ser fato e se tornou opinião, ponto de vista. Esse movimento favoreceu a disseminação de *fake news* com intuito de desacreditar pessoas, instituições, governos, e tudo que estivesse dentro de um espectro de interesse dos que produzem esse tipo de informação. Os holofotes mundiais estão iluminando o perigo da desinformação e é nesse sentido que precisamos de uma resposta eficiente para a garantia da democracia.

Foi demonstrado o uso dos mecanismos de segmentação e direcionamento em favorecimento da polarização política, da influência em resultados eleitorais e na raiz de insurgências que em um primeiro momento, pareciam ser populares. O potencial de

²³ A partir dessa concepção, recapitulamos duas situações: em 2013, Edward Snowden, ex-agente da NSA e CIA, coletou informações que demonstravam um programa de espionagem em massa de cidadãos americanos e entregou o material a jornalistas que tornaram pública a história e causou escândalos no mundo e fez com que ele se tornasse inimigo e traidor dos EUA; já no Brasil, o jornal The Intercept, em 2019, publicou conversas privadas dos atores envolvidos na Lava-jato, mostrando os bastidores da investigação que foi responsável pela prisão do ex-Presidente Lula. O jornal recebeu de fonte anônima conversas, vídeos, fotos, gravações em áudios e uma série de documentos que foram a base para a publicação de uma série de reportagens no The Intercept e no The Intercept Brasil. De acordo com o jornal o material "mostra comportamentos antiéticos e transgressões que o Brasil e o mundo têm o direito de conhecer." Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

manipulação da perspectiva política e eleitoral consiste precisamente em uma ameaça à soberania nacional por oportunizar a vitória de atores alinhados aos ideais dos países que fazem esse tipo de investida como forma de expandir seu domínio ou tirar vantagem de alguma forma.

Dentre as formas de lidar com esse problema pujante, destacamos a necessidade de leis nacionais de proteção de dados pessoais, que regulem a coleta, armazenamento e uso dos nossos dados sensíveis; a urgência de trazer o debate para o espaço público e educar as pessoas em uma perspectiva de cidadania digital; bem como da consideração de ações estatais como o aprimoramento dos setores de inteligência em *big data* e da possibilidade de construção de uma rede própria de internet, que interrompa o fluxo de todos os nossos dados para os servidores internacionais.

Toda mudança de paradigma traz questões que, para o olhar superficial, parecem insolúveis. O desenvolvimento tecnológico permitiu que o mundo se conectasse de forma inimaginável, e sabemos que a tendência é de contínua expansão em velocidade ímpar, se compararmos com outras revoluções tecnológicas. A última década foi palco das primeiras grandes mudanças no sentido de uma sociedade da informação *hiperconectada* e já nos deparamos com embates que estão longe de serem os últimos.

Este trabalho pretendeu discorrer, sem pretensão de esgotar, a conjuntura de manipulação online que temos vivido como ameaça para a soberania nacional e para a manutenção do regime democrático. Pintando o cenário atual de forma interdisciplinar, buscamos compreender os fenômenos históricos, psicológicos e linguísticos que possibilitaram a construção da nossa presente realidade extremamente complexa, os algoritmos responsáveis por nos inserir em um mundo cibernético e moldar nossas ações no mundo material, bem como do impacto político gerado por uma concentração massiva de poder econômico e de potencial de manipulação.

Boa parte dos temas trabalhados convergem em um clamor uníssono pela valorização da *ciência*, da *história* e da *verdade*. O desafio presente exige rápida resposta dos Estados - especialmente os que estão posicionados em desvantagem no tabuleiro geopolítico - sob o risco de perder direitos conquistados ao longo do devir histórico por influência de outras nações e corporações transnacionais.

É importante que saibamos a importância do acesso à informação de qualidade como fundamento do regime democrático. O atual cenário mundial, no que tange à desinformação e polarização nos tem ensinado o quanto é destrutivo e violento o poder da mentira, do ódio e da radicalização. Precisamos construir um conhecimento público acerca de como o mundo online se alimenta das nossas emoções mais profundas e muda nossos comportamentos. É necessário que tenhamos consciência da nossa estrutura mental para que possamos resistir ao emaranhado de estímulos da rede.

A democracia está em iminente ataque. Mais uma face do capitalismo se apresenta como uma grande força que abala a estrutura do que começou a ser construído no Ocidente a partir das grandes revoluções burguesas, e que determinou as bases para o que vivenciamos nos últimos três séculos. Certamente, o restabelecimento da soberania nacional e a contenção do processo nocivo de globalização sem controle, trará frutos que serão essenciais para a sobrevivência do Estado próximas etapas do desenvolvimento tecnológico e do capitalismo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAM, Ahmed, SCHULZ, Peter Johannes, NAKAMOTO Kent. The impact of search engine selection and sorting criteria on vaccination beliefs and attitudes: two experiments manipulating Google output. *Journal of Medical Internet Research* 16, 4 (2014), e100, 2014.

ALVES, Paulo M. M. R. O impacto de big data na atividade de Inteligência. *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, n. 13, dez. 2018.

AOS FATOS. Em 636 dias como presidente, Bolsonaro deu 1721 declarações falsas ou distorcidas. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>>. Acesso em 01 de outubro de 2020.

ARAL, Sinan, WALKER Dylan. Identifying influential and susceptible members of social networks. *Science* 337, 6092 (2012), 337–341, 2012.

ASSIS, Camila Gomes de. A política de segurança cibernética norte-americana: estado e empresas de tecnologia na sociedade do Big Data. Dissertação de mestrado em Relações Internacionais (UNESP/UNICAMP/PUC-SP) - FFC, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/191784>>. Acesso em 26 de agosto de 2020.

BAKSHY, Eytan; MESSING, Solomon; ADAMIC, Lada A. Exposure to ideologically diverse news and opinion on Facebook. *Science* 348, 6239 (2015), 1130–1132, 2015.

BARGH, John A; GOLLWITZER, Peter M; LEE-CHAI, Annette; BARNDOLLAR, Kimberly; TRÖTSCHER, Roman. The automated will: nonconscious activation and pursuit of behavioral goals. *Journal of Personality and Social Psychology* 81, 6 (2001), 1014, 2001.

BARRICK MR, PARKS L, MOUNT MK. Self-monitoring as a moderator of the relationships between personality traits and performance. *Person Psychol* 58(3):745–767, 2005.

BASTOS, Aurélio Wander. *Autoritarismo e parlamentarismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Liber Juris, 1993.

BATTELLE, John. *The Search: How Google and Its Rivals Rewrote the Rules of Business and Transformed Our Culture*. New York: Portfolio, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BENIGER, James R. Personalization of mass media and the growth of pseudo-community. *Communication research* 14, 3 (1987), 352–371, 1987.

BENTES, Anna. *A Gestão Algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir*. In: POLIDO, Fabrício Bertini Pasquot; ANJOS, Lucas Costa dos; BRANDÃO, Luiza Couto Chaves (Org.). *Políticas, internet e sociedade*. Belo Horizonte: IRIS, 2019.

BENTES, Anna. *Quase um tique: economia da atenção, vigilância e espetáculo a partir do Instagram*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

BERINSKY, Adam J; HUBER, Gregory A; LENZ, Gabriel S. Evaluating online labor markets for experimental research: Amazon. com’s Mechanical Turk. *Political Analysis* 20, 3 (2012), 351–368, 2012.

BERKOVSKY, Shlomo; FREYNE, Jill; OINAS-KUKKONEN, Harri. Influencing individually: fusing personalization and persuasion. *ACM Transactions on Interactive Intelligent Systems (TiiS)* 2, 2 (2012), 9, 2012.

BERNARDES, Marciele Berger. *Democracia na sociedade informacional: desenvolvimento da democracia digital nos municípios brasileiros*. São Paulo: Saraiva, 2013.

BERNAYS, Edward L. *Propaganda*. Nova York: Ig Publishing, 2004.

BERNAYS, Edward. Bernays, 'Father of Public Relations' And Leader in Opinion Making, Dies at 103. *The New York Times*, 10 de março de 1995. Acesso: 18 de abril de 2020. <<https://www.nytimes.com/1995/03/10/obituaries/edward-bernays-father-public-relations-leader-opinion-making-dies-103.html>>.

BISHOP, Bill. *The Big Sort: Why the Clustering of Like-Minded America Is Tearing Us Apart*. New York: Houghton Mifflin Company, 2008.

BOND, Robert M; FARISS, Christopher J; JONES, Jason J; KRAMER, Adam DI; MARLOW, Cameron; SETTLE, Jaime E; FOWLER, James H. A 61-million-person experiment in social influence and political mobilization. *Nature* 489, 7415 (2012), 295–298, 2012.

BRADSHAW, Samantha; HOWARD, Philip N. The Global Disinformation Disorder: 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation. Working Paper 2019.2. Oxford, UK: Project on Computational Propaganda, 2019. Disponível em: <<https://comprop.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/93/2019/09/CyberTroop-Report19.pdf>>. Acesso em 01 de outubro de 2020.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.

BRASIL. Decreto No 8.793, de 29 de junho de 2016. Fixa a Política Nacional de Inteligência. Brasília, 2016. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/>

BREHM, Jack W. A theory of psychological reactance. Academic Press, 2016.

BRUNO, Fernanda; *et al.* Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

CALDAS, Camilo Onoda Luiz; CALDAS, Pedro Neris Luiz. Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do big-data, das fake news e das shitstorms. In: Perspectivas em Ciência da Informação, v.24, n.2, p.196-220, abr./jun, 2019.

CALISKAN, Aylin; BRYSON, Joanna J; NARAYANAN, Arvind. Semantics derived automatically from language corpora contain human-like biases. *Science* 356, 6334, 183–186, 2017.

CAPPI, Juliano. Internet, big data e discurso de ódio: reflexões sobre as dinâmicas de interação no Twitter e os novos ambientes de debate político. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, 2017.

CARNEY DR, JOST JT, GOSLING SD, POTTER J. The secret lives of liberals and conservatives: personality profiles, interaction styles, and the things they leave behind. *Polit Psychol* 29(6): 807–840, 2008.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. Teoria da Constituição. Belo Horizonte: Initia Via, 2012.

CHAVALARIAS, David. The unlikely encounter between von Foerster and Snowden: When second-order cybernetics sheds light on societal impacts of Big Data. *Big Data & Society* 3, 1 (2016), 1–11, 2016.

CHEN, Eric; SIMONOVITS, Gábor; KROSKICK, Jon A.;, PASEK, Josh. The impact of candidate name order on election outcomes in North Dakota. *Electoral Studies* 35, 115–122, 2014.

Cóbe, R.; Nonato, L.; Novaes, S.; Ziebarth, J. Rumo a uma política de Estado para inteligência artificial. *Revista USP*, (124), 37-48, 2020.

DEL PAPA, Rodrigo Rodrigues. Propaganda eleitoral na internet: limites do poder de polícia da Justiça Eleitoral. *Revista Democrática*, Cuiabá, v. 5, p. 251-275, 2019.

DIENER E, EMMONS RA, LARSEN RJ, GRIFFIN S. The satisfaction with life scale. *J Pers Assess* 49(1):71–75, 1985.

DORMEHL, Luke. *The formula: How algorithms solve all our problems—and create more*. New York, NY: Penguin, 2014.

DUSSEL, Enrique. *Política de la Liberación: historia mundial y crítica*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

EMC. *The Digital Universe of Opportunities: Rich Data and the Increasing Value of the Internet of Things*, 2014. Disponível em: <www.emc.com/leadership/digital-universe/2014iview/executive-summary.htm>. Acesso em: 17 abr. 2020.

EMPOLI, Giuliano da. *Os Engenheiros do Caos*. 1. ed., Trad. Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

EPSTEIN, Robert; ROBERTSON, Ronald E. A method for detecting bias in search rankings, with evidence of systematic bias related to the 2016 presidential election. Technical Report White Paper no. WP-17-02. American Institute for Behavioral Research and Technology, Vista, CA, 2017.

EPSTEIN, Robert; ROBERTSON, Ronald E.; LAZER, Davi; WILSON, Christo. Suppressing the Search Engine Manipulation Effect (SEME). *Proc. ACM Hum.-Comput. Interact.* 1, 2, Article 42 (November 2017). Disponível em: <<https://doi.org/10.1145/3134677>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

ESLAMI, Motahhare; KARAHALIOS, Karrie; SANDVIG, Christian; VACCARO, Kristen; RICKMAN, Aimee; HAMILTON, Kevin; KIRLIK, Alex. First I like it, then I hide it: Folk theories of social feeds. In *Proceedings of the 34th Annual ACM Conference on Human Factors in Computing Systems*. ACM, 2371–2382, 2016.

ESLAMI, Motahhare; VACCARO, Kristen; KARAHALIOS, Karrie; HAMILTON Kevin. "Be careful; things can be worse than they appear" - Understanding biased algorithms and users' behavior around them in rating platforms. In: *ICWSM*. 62–71, 2017.

FERNANDA BRUNO; *et al.* *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FOGG, B.J. *Persuasive technology: Using computers to change what we think and do*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2002.

FREITAS, Letícia Sallorenzo de. *Gramática e manipulação: análise cognitivo-funcional de manchetes de jornais durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2014*. 149 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GRADIM, Diogo Fernandes. Big Data e Política: contribuições e desafios da tecnologia na campanha eleitoral. In: POLIDO, Fabricio Bertini Pasquot; ANJOS, Lucas Costa dos; BRANDÃO, Luiza Couto Chaves (Org.). Políticas, internet e sociedade. Belo Horizonte: IRIS, 2019.

HAN, Byung-Chul. No enxame; perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. O que é poder? Trad. Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. Sociedade da Transparência. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

INTERNET USAGE STATISTICS. The Internet Big Picture : World Internet Users and 2020 Population Stats. Disponível em <<https://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

ITAGIBA, Gabriel. Fake news e Internet: esquemas, bots e a disputa pela atenção. Rio de Janeiro: Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio. Disponível em: <<https://itsrio.org/pt/publicacoes/fake-news-internet-esquemas-bots-disputa-atencao/>>. Acesso em 30 de abril de 2020.

JOST JT, NOSEK BA, GOSLING SD. Ideology: Its resurgence in social, personality, and political psychology. *Perspect Psychol Sci* 3(2):126–136, 2008.

KAKUTANI, Michiko. A morte da verdade: Notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KISSINGER, H. Does America need a foreign policy?: toward a diplomacy for the 21st century. New York: Simon & Schuster, 2001.

KORYBKO, ANDREW. Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2018.

LAVAREDA, A. Neuropolítica: o papel das emoções e do inconsciente. In: Revista USP, n.º 90, pp. 120-146, 2011.

LEARY, T. Neuropolitics: the sociobiology of human metamorphosis. Culver City, CA: Starseed/ Peace Press, 1977.

LÉVY, Pierre; LEMOS, André. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LIND, William, Colonel Keith Nightengale, Capitão John Schmitt, Coronel Joseph Sutton e Tenente-Coronel Gary Wilson. The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. *Marine Corps Gazette*, outubro de 1989. In: KORYBKO, ANDREW. Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2018.

LÖNNQVIST J-E, ITKONEN JVA, VERKASALO M, POUTVAARA P. The five-factor model of personality and degree and transitivity of Facebook social networks. *J Res Pers* 50(1): 98–101, 2014.

Malini F.; Ciarelli P.; Medeiros J. O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tweets sobre o impeachment de Dilma Rousseff. In: *Liinc Em Revista*, 13(2), 2017.

MARZÁ, D. Neuropolítica y democracia: un diálogo necesario. In: *Revista Internacional de Filosofía*, nº 59, pp. 171-182, 2013.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Voz do Brasil. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/programas/voz-do-brasil/>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

MENDES, Laura Schertel. Privacidade e proteção de dados e defesa do consumidor: linhas gerais de um novo direito fundamental. São Paulo: Saraiva, 2014.

MENESES, João Paulo. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. *Observatorio (OBS*) Journal*, special Issue, 2018, p. 37-53.

MILLER J; FLORY K; LYNAM D; LEUKEFELD C. A test of the four-factor model of impulsivity-related traits. *Pers Individ Dif* 34(8):1403–1418, 2003.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; KALOGEROPOULOS, Antonis; NIELSEN, Rasmus Kleis. Reuters Institute Digital News Report 2019. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2019.

OLIVEIRA, A; GADELHA, C. Os sentimentos dos eleitores importam para a explicação do comportamento do eleitor? in *Em Debate*, vol. 4, nº 4, pp. 54-64, 2012.

OLIVEIRA, Rodrigo Regazonni de. Mídias sociais digitais: implicações sobre o processo democrático. *Rev. Cadernos de Campo*, Araraquara, n. 25, p. 229-244, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/download/11556/8135>>. Acesso em: 29 de abril de 2020.

OREJA-GUEVARA, C. Neuromarketing. In: *Suplementos de Neurologia*, vol. 5, suplemento 1, 2009.

PARISER, Eli. *The filter bubble: what the internet is hiding from you*. New York: The Penguin Press, 2011.

PATTON JH, STANFORD MS, BARRATT ES. Factor structure of the Barratt impulsiveness scale. *J Clin Psychol* 51(6):768–774, 1995.

RAMOS, Victor Reis. O que há de novo no RenovaBR?. 2019. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Renova BR. Quem somos? Disponível em: <<https://renovabr.org/quem-somos/>>. Acesso em 04 de maio de 2020.

RUEDIGER, Marco Aurélio (Cord.). Robôs, redes sociais e política no Brasil: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro : FGV, DAPP, 2017.

SABUCEDO, J. M. Psicología política. Madrid: Síntesis, 1996.

SANTOS, A. L. Las Neurociencias y la Filosofía de la Acción: Un enfoque neuroético”. In: Revista de la Asociación de Alumnos de Postgrado de Filosofía, nº 2, 2009.

SCHIMMACK U, RADHAKRISHNAN P, OISHI S, DZOKOTO V, AHADI S. Culture, personality, and subjective well-being: integrating process models of life satisfaction. J Pers Soc Psychol 82(4):582–593, 2002.

SILVA, Lucas Gonçalves da; SIQUEIRA, Alessandra Cristina de Mendonça. A (há) liberdade de expressão na sociedade em rede (?): manipulação na era digital. Relações Internacionais no Mundo Atual, v. 2, n. 23, 2019.

SIMÓN, V. La participación emocional en la toma de decisiones. In: Psicothema, vol. 9, nº2, pp. 365-376, 1997.

SOPRANA, Paula. 70 milhões de brasileiros têm acesso precário à internet na pandemia do coronavírus. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/cerca-de-70-milhoes-no-brasil-tem-acesso-precario-a-internet-na-pandemia.shtml>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

VESTING, Thomas. A mudança da esfera pública pela inteligência artificial. In. ABOUD, Georges; NERY JR, Nelson; CAMPOS, Ricardo (Coords.). Fake news e regulação. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, p. 91-108, 2018.

VILLAREJO, A; CAMACHO, A. Neuropolítica. La neurociência visita la política. In: Suplementos de Neurologia, Vol. 5, suplemento 1, 2009.

VITTORIO G, SCHWARTZ S, CAPANNA C, VECCHIONE M, CAPRARA GV. Personality and politics: Values, traits, and political choice. Polit Psychol 27(1):1–28, 2010.

WHITESIDE SP, LYNAM DR. The five factor model and impulsivity: using a structural model of personality to understand impulsivity. Pers Individ Dif 30(4):669–689, 2001.

WU, Tim. The Master Switch: The Rise and Fall of Information Empires. New York: Alfred A. Knopf, 2010.

YOUYOU, Wu; KOSINSKIB, Michal; STILLWELLA, David. Computer-based personality judgments are more accurate than those made by humans. Proceedings of the National Academy of Sciences, 2015.

ZATTI, Vicente. Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

ZITTRAIN, Jonathan. *The Future of the Internet — And How to Stop It*. New Haven: Yale University Press, 2008.